



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA LETRAS**

**ERICA DAYANA MONTEIRO CAVALCANTE**

**CRISE DE IDENTIDADE EM *REUNIÃO DE FAMÍLIA*, DE LYA LUFT: O  
DESNUDAMENTO TRAUMÁTICO DE DUAS PERSONAGENS FEMININAS**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2018**

**ERICA DAYANA MONTEIRO CAVALCANTE**

**CRISE DE IDENTIDADE EM *REUNIÃO DE FAMÍLIA*, DE LYA LUFT: O  
DESNUDAMENTO TRAUMÁTICO DE DUAS PERSONAGENS FEMININAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Graduada em Letras Português.

**Área de concentração:** Literatura Brasileira

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosângela Maria  
Soares de Queiroz

**CAMPINA GRANDE - PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376c Cavalcante, Erica Dayana Monteiro.  
Crise de identidade em reunião de família, de Lya Luft [manuscrito] : o desnudamento traumático de duas personagens femininas / Erica Dayana Monteiro Cavalcante. - 2018.  
26 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."  
1. Análise literária. 2. Crise de identidade. 3. Narrativa.  
21. ed. CDD 801.95

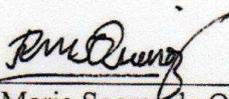
ERICA DAYANA MONTEIRO CAVALCANTE

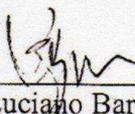
**CRISE DE IDENTIDADE EM REUNIÃO DE FAMÍLIA, DE LYA LUFT: O  
DESNUDAMENTO TRAUMÁTICO DE DUAS PERSONAGENS FEMININAS**

Aprovada em: 18/06/2018

Média: 9.0

**BANCA EXAMINADORA**

 9.0  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosângela Maria Soares de Queiroz (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 9.0  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 9.0  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Lúcia Maria de Souza Neves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, e, em especial, ao meu pai e à  
minha mãe, pela presença constante, pelo  
companheirismo, pela amizade, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus do impossível, aquele que me fez acreditar que tudo é possível. Agradeço a Ele por me proteger e ajudar a concluir com muito êxito e sabedoria mais uma fase da minha feliz vida.

Aos meus avós paternos e maternos, alguns deles não mais vivos, dedico, por terem trazido os meus pais ao mundo, dedico com muito amor.

Aos meus pais, que souberam respeitar a minha vontade de andar por lugares pouco habitados, digo isto em função da pequena parcela de jovens da minha localidade que pouco se interessam pela vida acadêmica, e pouco se preocupam com o ato de “crescer na vida” a por meio da educação.

Ao meu irmão, Everson, e às minhas joias raras: Eduarda e Elayne, que souberam lidar com a minha ausência em alguns momentos em família, pelo apoio e compreensão agradeço.

Ao meu tio Ademar, por seu “jeito” culto, consagrado pelo forte contato com a leitura, que sempre me apoiou e falou do quão bom era poder caminhar com sabedoria e conhecimento.

A minha tia Ivonete e ao seu filho, Vitor Emanuel, que abriram as portas do seu cantinho, que, há quase cinco anos, me serve de lar, para que eu hoje pudesse realizar o sonho de continuar estudando e poder honrar a minha família, à qual tanto amo. Tia, a você muito obrigada.

Aos meus primos Vanderson e Angélica, pela compreensão de muitas vezes aceitarem o meu “não”, quando me convidavam para sair e eu não podia.

Ao meu primo Marcelo Cavalcanti, o qual sempre me ajudou com suas conversas, me incentivando, me fazendo enxergar que o saber nos torna igual.

Ao amor e companheiro mais lindo que Deus poderia me dar, Geová Moura. A você agradeço, pelo imenso apoio a mim concedido nos últimos dois anos. Amo-te, meu magricela.

Aos meus companheiros de sala Álvaro, Cleyson, Cleytson e Rivonaldo, agradeço por tudo e principalmente pelos momentos de descontração. Cada sorriso me ajudou a viver essa fase com muito mais amor, agradeço.

As minhas companheiras: Grabryella de Macêdo (chata), Caline Dantas, Danielle Estrela, Marcilane Oliveira (Teresa Neuma), Thatyanne Cordeiro e Dyanna Oliveira a

vocês sou eternamente grata pelas inúmeras alegrias, pelo choro e pela ajuda quando me senti franca e incapaz de concluir a caminhada, muito obrigada!

Às minhas amigas, Flávia Venâncio e Jailma Ferreira, a quem tive o prazer de conhecer ao longo da minha vida acadêmica. A vocês, Jailma e Flávia, agradeço de coração por toda dedicação a mim concedida, auxiliando-me sem medidas nas inúmeras circunstâncias quando precisei.

Aos professores e professoras que doaram um pouco do seu saber para o meu crescimento acadêmico e profissional, agradeço.

Aos professores das escolas por onde passei, em minha fase de estagiária, agradeço no íntimo do meu ser, e, com mais constância, ao professor Johnne Paulino Barreto, que muito me ensinou quando fui sua estagiária, e confesso que foi a partir do seu exemplo de professor que passei a enxergar com bons olhos o lado professoral que estava guardado em mim, grata estou.

E, por fim, ao Professor Dr. Luciano Barbosa Justino e à Professora Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Maria de Souza Neves, por terem aceitado participar desse momento tão grandioso em minha vida acadêmica, não me esquecendo, ainda, da Professora Dr.<sup>a</sup> Alfredina Rosa do Vale, que me teve inicialmente como orientanda, durante alguns dias, período em que percebi que o chamamento partia da Literatura. Neste sentido, agradeço à Professora Dr.<sup>a</sup> Rosângela Queiroz que, na sequência, aceitou prontamente o convite para ser minha nova orientadora, para que eu pudesse adentrar no caminho da literatura com muito mais amor.

A vocês, com muita ternura, o meu muito obrigada, com carinho, lá do fundo do peito.

“Não te mandei eu?  
Esforça-te, e tem bom ânimo;  
Não te atemorizes, nem te espantes;  
Porque o Senhor teu Deus está contigo,  
por onde quer que andares.”

Josué (1:9)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. A falta de afeto familiar como principal causa dos conflitos familiares e crise de identidade .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Crise de identidade e desnudamento traumático.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2. Alice.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2.1 Alice, Aretusa e suas facetas .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2.2. Aretusa: “... aquela menina tão livre” .....</b>	<b>20</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>4 ABSTRACT .....</b>	<b>25</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## **CRISE DE IDENTIDADE EM *REUNIÃO DE FAMÍLIA*, DE LYA LUFT: O DESNUDAMENTO TRAUMÁTICO DE DUAS PERSONAGENS FEMININAS**

Erica Dayana Monteiro Cavalcante

### **RESUMO**

O presente trabalho objetiva examinar a crise de identidade experimentada pelas personagens femininas Alice e Aretuza, do romance *Reunião de Família* (1991), de Lya Luft. Ambas desvelam-se, no decorrer da narrativa, em suas nuances comportamentais mais ocultas, até então preservadas pelo uso de máscaras sociais, que as “ajudam” a se desviarem dos obstáculos oferecidos pelo *status quo*, em cujos padrões de aceitabilidade instituídos ambas aparentemente se enquadram. A noção de *ethos*, na perspectiva apresentada por Maingueneau (2006; 2008), destaca-se como um relevante ponto de referência interpretativa para esta leitura, uma vez que define os contornos de uma pseudo-individualidade forjada a partir de uma pretensa harmonia entre comportamento e discurso, que as personagens esforçam-se inutilmente por manter uma diante da outra. A análise insere-se no domínio dos estudos da contemporaneidade através da literatura brasileira, tendo como base teórico-metodológica os pressupostos defendidos por Berman (2007), Hall (2004), Bauman (2011) e Schollhammer (2009) referentes ao relacionamento do indivíduo consigo mesmo, com a família e com a sociedade.

**Palavras-Chave:** Crise de identidade. Ethos. Narrativa.

## 1 INTRODUÇÃO

O livro *Reunião de família* (1991), da escritora gaúcha Lya Luft, parte de um enredo aparentemente simples, que trata de questões cotidianas. É narrado em primeira pessoa por Alice, uma dona de casa que resolve passar um final de semana na casa do pai para se reunir com a família, a pedido de Aretusa, sua cunhada. A reunião objetiva mobilizar a família para ajudar Evelyn, irmã de Alice, que passara a se comportar de forma estranha após a morte recente de seu filho Cristiano, aos 08 anos, agindo como se o menino ainda estivesse vivo. Porém, este encontro familiar, ao invés de manter caráter harmônico, torna-se um verdadeiro balanço de cunho memorialístico, cujo objetivo passa a ser o de desnudamento, naquele ambiente, das personagens Alice e Aretusa, que serão submetidas ao julgamento de suas experiências e modos comportamentais em família e em sociedade, no passado e no presente.

A partir deste enredo, o artigo objetiva refletir sobre o descentramento do sujeito, por meio do estudo da crise de identidade pessoal (e social) das personagens mencionadas, centrado no traumático desafivelamento sucessivo, ao longo da narrativa, das máscaras que socialmente e entre os familiares protegem estas mulheres como um escudo contra o julgamento exterior. A narrativa se inicia com a reunião da família durante um final de semana. No encontro, a participação das figuras femininas é preponderante, o que sugere a sua dominância no contexto familiar.

Ao longo do encontro, as pesadas discussões travadas revelam gradativamente a verdadeira identidade de cada uma delas, por meio de lembranças que vêm à tona, num crescendo que culmina nas cenas finais da narrativa, quando o opaco e o obscuro tornam-se inescapavelmente evidentes. A reunião assume a feição de um “jogo da verdade”; mais que isso, de uma arena, momento de enfrentamento vital e encarniçado no qual o discurso impiedoso transforma em tiras a frágil película das autoimagens artificialmente construídas.

O jogo que se instaura também pode ser o dos espelhos, quando cada uma daquelas mulheres enxerga-se no que enxerga na outra, contemplando, a contragosto, a própria imagem desvelada na imagem refletida até então negada, visualizada agora com nitidez e sem sombras diante dos olhos que antes eram cegos para as situações e aspectos outrora imperceptíveis. Considerando o atual momento histórico, em que a humanidade, como as personagens desta narrativa, se defronta com intermináveis processos de construção, desconstrução e reconstrução – conjunto de pequenos e grandes apocalipses ao qual alguns setores da controvérsia acadêmica denominam de *pós-modernidade* –, pode-se evocar, ironicamente, o conceito marxista e quase profético de *modernidade*, comentado por Berman: “ser moderno é

fazer parte de um universo no qual [...] ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’” (BERMAN, 2007, p.24).

Não à toa, este pensamento nos faz refletir sobre a crise de identidade vivenciada por Alice e Aretusa. A vida em família e em sociedade gera em homens e mulheres conflitos existenciais que opõem às relações de estabilidade valorizadas pela família tradicional (masculino x feminino; indivíduo x família; indivíduo x casamento; indivíduo x moral/ética/religião), outras de provisoriedade, envolvendo os mesmos aspectos. Isto os (as) defronta com as mais díspares sensações de ‘des-unidade’. No romance, torna-se penoso, senão impossível para as personagens analisadas, lidarem uma com a outra (com “o Outro” transformado no inferno de seu próximo, diria Sartre), por viverem em constante situação de provisoriedade, dentro da unidade da família, causada pela distância, pelas opções individuais de comportamento, de vida e de relacionamentos conflitantes entre si.

Ao falar da provisoriedade, é importante lembrar os estudos de Stuart Hall (2004), sobre a noção de “identidade”. Aqui apoiamo-nos nas ideias que Hall (2004) apresenta em *Quem precisa da identidade?*, que subsidia este trabalho em posicionamentos pontuais fundamentais acerca da construção, desconstrução e conseqüente crise de identidade que caracteriza os processos psicológicos que, no caso das personagens em questão, são de natureza traumática, derivada da subjetividade identitária. Identicamente, também pudemos adentrar os estudos da modernidade pelos pressupostos teóricos de Zygmunt Bauman (2011), o qual põe em evidência a ideia de *liquidez* que move a sociedade moderna, em transição entre as certezas e posições consideradas sólidas até a metade do século XX para a fluidez de uma transitoriedade ainda desnorteante. Tal mudança de ‘estado’ pode ser entendida como gradual conseqüência da quebra dos moldes em que a sociedade se constituía, verificada sobretudo a partir do pós-guerra e dos anos 60, com a contracultura.

Utilizamo-nos ainda da noção de *ethos* que está referenciada em Hall como “processos inconscientes de formação da subjetividade”, e em Maingueneau (2006 e 2008) como sugestão, materializada nas marcas textuais, que funcionam como demonstrativas de determinada posição adotada pelo sujeito enunciativo acerca do que escreve. No discurso, o *ethos* demarca os limites de uma identidade do sujeito, através do que diz, em relação a si mesmo, ao mundo e ao outro. No romance, tal procedimento segue caminho de mão dupla: no plano da autoria, apresenta uma visão distópica e particular do universo familiar tradicional, despido das aparências do jogo social e exposto como laboratório, escola e oficina de dores muito humanas; no plano da narrativa, opõe frontalmente as personagens, obrigando-as a

enfrentarem-se a si mesmas e uma à outra, na necessidade inadiável de se autoconhecerem e seguirem em frente como puderem, a partir do conhecimento adquirido.

Desta forma, de Maingueneau (2006), destacamos algumas observações acerca do discurso literário como constituição do *ethos*, no sentido de que este conceito “está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não podemos ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do *enunciador* antes mesmo de ele começar a falar” (MAINGUENEAU, 2006, p. 269).

Esta citação de Maingueneau (2006) resume em poucas linhas o foco maior deste trabalho, que se detém sobre a caracterização, a visão do outro sobre o “eu”, movimento percebido no romance e no comportamento das personagens pela utilização do *jogo de espelhos* e da apresentação externa de cada uma delas, imagem que, ao final da narrativa, é desconstruída, invertida, assim como acontece quando alguém nos olha, externamente, a partir de um ângulo que não conseguimos ver ou aceitar.

## **2. A falta de afeto familiar como principal causa dos conflitos familiares e da crise de identidade**

Segundo Berman (2007), a sociedade em que vivemos vem passando por grandes mudanças de hábito, principalmente no que diz respeito aos hábitos sociais em relação aos laços de afetividade, forjados em função dos padrões e do imaginário da modernidade. Para o autor, a modernidade é idiossincrásica: “[...] é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia.” (BERMAN, 2007, p.24).

A problematização das relações sociais e familiares passa a ser cada vez mais discutida, configurando-se como item fundamental do/no processo de modernidade. Este processo configura-se, para Berman, como um ambiente ameaçador, fruto das experiências partilhadas e compartilhadas por pessoas de todas as classes, raças, entre outras conjugações, mas que não se excluem, nem fogem dessa experiência de integração desintegrada, representada pela modernidade – movimento que adentrou a casa, a vida e a família, permitindo que sua conformação seja modificada, oferecendo ao indivíduo a opção de escolher a forma como quer viver tais experiências, sem, no entanto, poder evita-las.

Tradicionalmente, o conceito de família é compreendido como um grupo de pessoas da mesma linhagem, e que, convencionalmente devem se valer, prestar, de um bom relacionamento dentro dessa instância social, conservando os princípios da moral e da ética

para que saibam conviver e respeitar uns aos outros, pois é na família que se aprende a ter as primeiras relações de afeto e confiança. Contudo, na obra analisada não é assim que as relações se estabelecem. A “reunião de família”, expressão que dá título à obra, sugere o conceito tradicional de família, entretanto, no decorrer da narrativa, percebemos a configuração do modelo contemporâneo, em que as relações são muito fluídas e líquidas, assumindo os seus integrantes um papel de progressivo desligamento dos laços familiares mais antigos, de origem, em função de outras realidades familiares mais recentes que integram.

Zygmunt Bauman menciona o aspecto do desapego entre gerações na sociedade contemporânea com as seguintes palavras:

Há uma longa história de incompreensão recíproca entre gerações, entre os “velhos” e os “jovens”, e de conseqüente desconfiança mútua. Sintomas desse descompasso já foram percebidos em épocas bastante remotas. Mas a desconfiança entre gerações tornou-se muito mais visível em nossa era *moderna*, marcada por profundas, contínuas e aceleradas mudanças nas condições de vida. A aceleração do ritmo das mudanças, característica dos tempos modernos e em contraste com os séculos anteriores de interminável reiteração e letárgica mudança, permitiu que as pessoas observassem e tivessem a experiência pessoal de que “as coisas mudam”, que “já não são como costumavam ser”, no decorrer de uma única existência humana. Essa percepção trouxe como conseqüência o estabelecimento de uma associação (ou mesmo um laço causal) entre as mudanças na condição humana, o afastamento das velhas gerações e a chegada dos mais novos. (BAUMAN, 2011, p.19)

A partir do pensamento de Bauman, que está contido na obra *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno* (2011), a família e a sociedade, compostas pelos indivíduos de diferentes faixas etárias, servem de instrumentos, reflexo dos impulsos condicionantes presentes que cercam todas as instancias sociais que passaram e passam por mudanças, afetando os laços afetivos, tornando-os cada vez mais líquidos, sem formas, em processo constante de mudança que promove a desintegração dos ambientes por estarem construindo e se reconstruindo a todo o momento. Causando, inclusive, o afastamento dos indivíduos imersos na modernidade. Fase denominada por Berman como: “[...] tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje.” (BERMAN, 2007, p. 24).

Pode-se afirmar que em *Reunião de família*, ao observar o comportamento das personagens femininas em análise, nota-se a existência de um verdadeiro campo de batalha onde não há vencedores(as); presentifica-se como resultado da busca (desesperada) por satisfação da parte das personagens, “sempre à deriva e à procura de pequenas e perversas

realizações do desejo”. (SHOLLHAMMER, 2009, p. 32), já que todos, ao longo da narrativa, expõem o seu lado obscuro, antes desconhecido e que é contraditório ao *ethos* por eles afirmado, em razão das atitudes e falas discursivas não condizentes com a subjetividade transvazada por suas afirmações, resultando assim no uso das máscaras, recursos por meio do qual, homens e mulheres se camuflam para poder se integrar a determinados ambientes, com o objetivo de serem aceitos (ou não) a partir de um *status quo* pré-definido pela sociedade da época na qual se vive. Citando Auchlin (2001), Maingueneau (2008) resume uma doxa do *ethos*:

A noção de *ethos* é uma noção com interesse essencialmente prático, e não um conceito teórico claro (...) em nossa prática ordinária da fala, o *ethos* responde a questões empíricas efetivas que têm como particularidade serem mais ou menos co-extensivas ao nosso próprio ser, relativas a uma zona íntima e pouco explorada de nossa relação com a linguagem, onde nossa identificação é tal que se acionam estratégias de proteção (AUCHLIN, 2001,p.93, citado por MAINGUENEAU, 2008, p.12).

Consequentemente, é fácil perceber que as atitudes subjetivas das personagens femininas, que se apresentam por meio de uma identidade multifacetada, não condizem com o seu interior, através do discurso impresso e expresso, fazendo-nos compreender a complexidade da subjetividade discursiva, de modo que para compreendê-lo é preciso perceber que:

Esse *ethos* recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas [...]. Assim, atribui-se a ele um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos. O caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se. Mais além, o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento (MAINGUENEAU, 2008, p.18).

Tal afirmação nos faz perceber características do comportamento dos indivíduos na obra de Lya Luft, que pode ser observado desde o ambiente familiar não apenas com exterior de cada indivíduo, mas também incluindo o comportamento nas práticas desenvolvidas no contexto social, nas mais diversas instâncias. Ademais, não somente em família, como em sociedade, somos direcionados a “conferir” as marcas introspectivas do discurso dos indivíduos, resultantes das incertezas, angústias, medos, traumas, entre outros problemas de ordem moral e psicológica. Buscamos não apenas uma correspondência entre atos e palavras, mas balizas norteadoras para aquilo que se esconde em suas entrelinhas e pode mascarar certas atitudes. Aretusa e Alice, assim como todos os que integram a reunião de família, conhecem bem este jogo.

## 2.1 Crise de identidade e desnudamento traumático

### 2.2. Alice

Alice era menina, por sua ingenuidade, com formato de mulher, pelo corpo prematuramente desenvolvido. Esta afirmativa ainda pode ser entendida de forma mais ampla: Alice é ‘criança’ no modo de agir, convencionalmente conhecido por nós, acerca do conceito de “menina” (aquela ainda imatura, a qual faz parte da juventude), mas é “mulher” porque soma ao amadurecimento físico o amadurecimento mental superior ao da média em sua faixa etária. São conceitos preestabelecidos por meio da sociedade em que estamos inseridos, a cujo conjunto chamamos de *status quo* referente à determinada pessoa ou grupo.

Alice logo cedo teve que conviver com a ausência da figura materna, pois sua mãe morrera muito jovem, e pelo pouco que se ouviu falar, essa morte teria acontecido em decorrência da situação emocional em que ela (a mãe de Alice) se encontrava, como afirma Renato em meio a uma discussão com o pai: “Nem de nossa mãe o senhor gostava, ela morreu de tristeza, essa é a verdade. Era quase uma menina, e o senhor nunca lhe deu amor nem atenção. Ela preferiu morrer.” (LUFT, 1991, p. 38). Em constante estado de tristeza, a mulher casada quase menina teve que viver com um homem mais velho, extremamente exigente e austero, com quem teve três filhos: Alice, Renato e Evellyn. Alice e seus irmãos foram criados pelo pai, o “Professor,” e por Berta, a empregada da família, a quem sua mãe pedira para que cuidasse das “crianças”. Assim como a mãe de Alice – que nunca é nomeada na narrativa – pediu, Berta o fez: dedicou a vida exclusivamente ao cuidado daquelas crianças que, ainda muito jovens passaram a viver sem a presença materna, a qual Berta não conseguia substituir, apenas amenizar a carência.

Alice nunca enxergou em Berta (a empregada/cuidadora) a mãe que ela gostaria de ter conhecido com mais assiduidade, como se lê: “Nunca tive alguém perfumado e doce para me abraçar; para ajeitar meu cobertor na hora de dormir, ou contar histórias; para (me dar conselhos). Nem para cuidar de Evelyn, que era um bebê quando nossa mãe morreu [...]”. (LUFT, 1991, p. 6). Alice se apresenta como uma menina órfã, carente do afeto materno; uma menina-mãe que desde muito cedo ajudou Berta e os irmãos a sobreviverem naquele ambiente doméstico hostil, de constante luta, porém sem se conformar com a ausência de sua mãe.

Alice, aparentemente, era uma simples dona de casa como ela costumava se definir. Tendo largado a vida estudantil, dedicou-se à vida do lar, zelando pelo bem estar familiar, como se a sua casa constituísse antítese e refúgio em relação à casa do pai. A jovem mostrava em seu exterior, uma mulher forte, centrada e aparentemente tranquila. Por dentro, no entanto,

trazia uma personalidade marcada pela solidão e angústia, sentimentos resultantes das experiências traumáticas vivenciadas na infância: os gritos do pai, as proibições, humilhações, surras, tapas e omissões entre outros castigos:

Pois apanhávamos até na frente de nossos amigos, por isso não gostávamos de levá-los para nossa casa; sentíamos vergonha. [...] Nossos castigos eram frequentes e cruéis: tapas, surras, horas sentados quietos sem licença de levantar nem para beber água (LUFT, 1991, p. 14 -15).

Estes atos violentos na fase infantil geraram naqueles jovens um misto de sensações, revertidas em traumas, que foram responsáveis por violentar e oprimir, inclusive capaz de gerar problemas de ordem psicológica e social, piorando ainda mais a relação afetiva estabelecida por aquela família. Alice ocupava o posto de irmã mais velha, filha de um homem com ideais repressores, não afetuoso para com os filhos, como se já não fosse o bastante viver sem a presença da mãe, fato que é bastante recorrente nas falas de Alice:

Quando pequena, parecia-me natural não ter mãe; por alguns anos, bastou-me saber que fora boa e bonita, adoecera e tivera de nos deixar. Mas na adolescência sofri com essa privação; imaginava que, viva, minha mãe resolveria todos os meus problemas e desmancharia todas as minhas angústias. Minhas amigas tinham mães; para mim sobrara apenas Berta: uma moça da colônia, forte e despachada, mas que nada entendia de minha carência de afeto; e pensava resolver todos os problemas com uma boa risada (LUFT, 1991, p.14).

No trecho acima, Alice assume a sua carência afetiva – familiar, que a faz sofrer e ao mesmo tempo ir à busca de uma realização constante, no desejo de encontrar uma figura que se aproxime da ideia materna que conhece. A jovem tentou buscar essa realização de enxergar “o ser mãe” primeiramente em Berta, mas não obteve êxito, pois Berta era uma mulher amargurada, reclamava da vida, não era vaidosa, não tinha a doçura e a beleza que a mesma (Alice) procurava para ocupar o posto que tanto almejava. Segundo Alice, Berta só cheirava a cebola e sua tia Luci (sua segunda tentativa) não atendia ao perfil de mãe idealizado por ela.

Eu era menina quando avisaram que uma irmã de nosso pai viria nos visitar. Irmã? Mas eu quase delirei de alegria, a imaginação fervilhando: enfim uma presença feminina mais doce do que Berta. Comecei a sonhar: tia Luci, bonita, perfumada, maternal. Não como Berta, pés grandes e avental manchado. [...] Mas tia Luci era feia, gorda, mal-humorada, nervosa. Mãos minúsculas, roupas com babados fora de moda (LUFT, 1991, p.26).

Nesta passagem do romance percebemos a decepção, frustração de Alice na busca incessante de ter uma presença feminina por perto, que não fosse à figura dela mesma

refletida e distorcida, aprisionada no espelho, nem muito menos a figura de Berta ou de sua irmã, Evelyn. A partir destas percepções é possível acompanhar a construção da subjetividade exposta por Alice, a qual traz consigo definições abstratas do que seria a representação discursiva de “mãe”. Por meio do texto de Maingueneau (2008) é possível realizar a caracterização discursiva do *ethos* de Berta, que não era condizente com *ethos pré-discursivo – ou imagem preconcebida* – imaginado por Alice, a respeito do “ser mãe”. Mesmo em meio a tanta carência a jovem Alice ainda conseguia ser o porto seguro da irmã mais nova, Evelyn, que em alguns momentos tentou buscar em Alice essa presença maternal, visto que perdera a mãe ainda muito jovem, quando era bebê. Como por exemplo, nas brincadeiras de criança, relembradas por Alice:

Olho para Evelyn e recordo aquele brinquedo da infância, foi raro, mas singular: ela subia para a minha cama, quando bem pequena, e pedia para brincarmos de "mãe e filha". Então eu a tomava nos braços, embalava. Um brinquedo melancólico e doce. Não durou muito tempo, porque um dia comecei a chorar e perguntei: - E quem vai ser a minha mãe? Evelyn hesitou, depois resolveu meu problema: - Pode ser Berta, ora! - Berta não quero, ela tem cheiro de cebola! Evelyn começou a rir, mas eu continuei chorando e nunca mais quis brincar daquilo. Olhando para ela agora, meu coração se confrange: eu podia ter tentado ser sua mãe, embora não soubesse (LUFT, 1991, p. 27).

Evelyn em alguns momentos, e principalmente nas brincadeiras cotidianas, buscava também a figura da imagem maternal em sua irmã mais velha. Alice por também sofrer com essa falta de afeto entristecera-se em meio aos momentos de brincadeiras na infância, sentia-se por diversas vezes uma menina órfã de pai e mãe, que, porém era obrigada a conviver com a busca do papel feminino maternal vivenciado por sua irmã, Evelyn, causando-lhe grande desconforto, por não ter essa representação que a faz viver em uma constante procura desse exemplo, modelo de presença feminina.

De modo que a responsabilidade de suprir a ausência da mãe – nunca nomeada na narrativa – ficaria para o pai e, precariamente, para Berta, a empregada/cuidadora, primeiro das crianças, depois do Professor e de Evelyn, enlouquecida. A servidora, apesar da rude bondade que a caracteriza, não reúne os atributos para a tarefa de mãe. Também odeia o Professor, pela crueldade com as crianças, pela morte da patroa e pela exploração de seu trabalho. Na economia da relação familiar, assume postura similar à das crianças, como elas mentindo, dissimulando, calando-se, presenciando injustiças com o secreto prazer de não ser a vítima do momento, mas, de qualquer maneira, funcionando como contrapeso à única

presença adulta masculina na casa e, muitas vezes, como abrigo e interlocutora para as expansões do sentimento ferido das crianças.

Ainda sobre Alice e sua irmã Evelyn, elas estavam a todo tempo procurando a imagem de uma “mulher-mãe” que tem o seu papel totalmente ocultado, de maneira tal que não chegamos, a saber, nem se quer o seu próprio nome, profissão, idade que faleceu, nem muito menos características físicas ou comportamentais mais aprofundadas a cerca dessa personagem tão ausente que se define como MÃE. A leitura desta obra nos faz perceber justamente a “ausência” gerada pela “ausência”, pois é nesta falta da presença da mãe, figura essencial que faz com que haja a insuficiência dos sentimentos afetivos naquele ambiente familiar, pois como Alice expõe em sua fala no decorrer do enredo, afirmando não ter acesso a uma figura de mulher doce, que estaria ali para lhe apoiar, expressando a falta de serventia do papel social de mãe exercido na/pela família tradicional, que é cuidar e zelar pelo crescimento saudável de seus membros.

Assim, podemos afirmar que a família imersa na era “moderna” passa por toda essa questão da ausência da “mãe”, não necessariamente esse afastamento se dá única e exclusivamente em caso de morte, mas na liquidez da era moderna, em que os laços de família estão cada vez mais dispersos por diversos motivos, um deles é a relação de trabalho. As mulheres, como se sabe, ocupam a cada dia mais as vagas de emprego, causando grandes impactos na célula família, que se configura e se constrói a cada dia. Podemos citar também a separação conjugal, ou “o não querer criar” conhecido como desprezo por parte da mãe, não mais querendo cuidar de seus filhos. São muitas as razões que podem ser postas para esse tipo de ausência, assim como algumas das quais foram citadas anteriormente.

### **2.2.1 Alice, Aretusa e suas facetas**

Alice era mulher que desde cedo fora criada pelo pai junto aos irmãos, a qual foi ensinada a se comportar mediante a uma cultura tradicionalmente refém do machismo e de ideais patriarcais daquela época, que ainda são vivenciados até hoje. Composta por ideais autoritários e repressores, que são expressos na pessoa do pai, o professor. Aquele que dita às ordens, sem dialogar em busca de alteridade, fazendo com que a “família” pertença a um ambiente tendencioso e propício ao medo, proibições e submissão por meio não da autoridade e sim da autoritariedade, do pai para com os filhos.

Enquanto que na família deveria haver motivações de integração entre os indivíduos, e não o distanciamento das partes para o todo, tradicionalmente sabemos que a família deve ser cultivada de bons estímulos, pois:

O tratamento afetuoso serve de amparo e estímulo à criança, ajudando-a a suportar e enfrentar dificuldades, ao mesmo tempo em que lhe dá inspiração e ânimo para um relacionamento pacífico e harmonioso com os que a cercam. A falta de afeto faz crianças tristes e revoltadas, que se mostram rebeldes, indisciplinadas, ou simplesmente incapazes de agir com segurança e serenidade. (DALLARI, 1986, p. 37)

Em *Reunião de família* podemos ver os reflexos da falta desse estímulo afetuoso que deveria haver na família, da qual tradicionalmente há esses hábitos, mas que nesta obra as experiências familiares foram executadas de maneira totalmente adversa ao *status quo* de família padronizada em formas e formatos que se convencionou socialmente. Neste contexto, a personagem Alice vive a todo instante em busca incessante de uma identidade de filha, de mulher, e ser o que ela quer ser, mas que para não fugir aos padrões de aceitabilidade acaba por se esconder nas vestes de uma Alice reprimida, desprovida de opinião própria, ocultada pelo medo. Buscando cada vez menos aborrecimentos em casa, ao ponto de se desfazer da sua própria opinião para agradar ao outro, a família, como segue abaixo:

-Você acha que um dia a gente podia colocar um espelho grande aqui na sala? – perguntei ao meu marido antes de sair, remexendo na bolsa para conferir se pusera tudo ali, dinheiro, passagem de ônibus. Minhas mãos estavam frias.  
 - Espelho grande? Para quê? – Ele me encarou por cima dos óculos, baixou o jornal. Logo ia dormir a sesta, apenas esperava que eu saísse. Era tarde de sábado. Parecia admirado; acho também que nunca me vira ter ideias extravagantes, devia considerar aquilo uma extravagância.  
 -Nada – respondi, já arrependida. – Foi só bobagem minha uma vez li que dá impressão de mais espaço. A sala é pequena...  
 - A sala é ótima assim. – Ele voltou a ler, ajeitou o jornal.  
 - Claro. Claro. Você tem razão... (LUFT, 1991, p.1)

Alice mostra-se uma mulher submissa à vontade do marido, dependente da visão do outro para poder se constituir. A personagem pode ser caracterizada como o tipo de mulher pertencente às estruturas sólidas, que não se arriscava em aventuras, como nos manda a modernidade, mas prende-se aos formatos sociais tradicionais de imposição para o feminino em tempos passados, quando as mulheres não podiam trabalhar fora de casa, não podiam ter uma remuneração pelo trabalho oferecido e se tivessem, assim como hoje ainda existe em algumas profissões há a diminuição na diferença do valor recebido.

Ao longo da narrativa, essa personagem feminina caminha, mas não se permite viver “a aventura da modernidade” de modo altivo e livre. Ela prefere viver em sua zona de conforto, ao lado do esposo e dos filhos, de maneira pacata, mas que ao final da trama a “reunião” de família nos mostra o lado avesso dessa menina-mulher que também passou por suas aventuras, aquelas aventuras que ninguém imagina ter, pois perante aos reflexos

exteriores que a personagem mostrava: de dona do lar, condutora da família, mulher de centrada... representada por um *status quo* que jamais a permitiria vivenciar experiências tão desbravadoras, ao olhar de alguns, vista como transgressora.

Ao observar o comportamento de Alice, não seria permitido pensar em uma crise de identidade apenas social, mas também sexual, visto que nas páginas primeiras do enredo a personagem mostra-se reprimida pela figura paterna, fato que acompanhamos ao longo da trajetória de Alice e dos seus, mas voltando a ela, é permitido que façamos leituras, desnudadoras, do modo de agir e de pensar acerca das considerações de identidade sexual.

Alice casou ainda muito jovem, virgem e passou a não exercer atividades remuneradas fora de casa, dedicou-se apenas a vida doméstica do lar, obediente ao marido e aos filhos, mas que em determinado momento da vida envolveu-se com um outro homem, deixando-se invadir, não mais resistindo as estruturas líquidas presente no mundo que estava ao seu redor, como fazia sua cunhada Aretusa antes do casamento entre ela e Renato, seu irmão:

Aretusa ainda era solteira: tinha muitos namorados: trabalhava numa escola secundária: sustentava a mãe, que envelhecera muito e dava trabalho à filha, sempre às voltas com psiquiatras. [...] Certo dia Aretusa começou a falar insistentemente em uma aluna. Corália. Linda, olhos inocentes - repetiu várias vezes. Mais tarde, disse que a moça estava apaixonada por ela (LUFT, 1991, p. 155).

Aretusa era o exemplo de mulher “livre” para aquela época, que desde cedo arrumara seu primeiro namoradinho, iniciando sua vida sexual antes do casamento, fato totalmente reprimido pelas estruturas sólidas da época, em que se julgava o caráter de uma mulher por sua liberdade de expressão em todos os sentidos, que vai do timbre da fala, até o tamanho de suas roupas, ou modo de rir, a coloração do cabelo, entre outros. No caso de Aretusa, era julgada por seu jeito desvelado de ser, para alguns era enxergada como uma mulher que não merecia confiança. O pai de Alice tratava Aretusa com desprezo e julgo desigual pelo fato dela não se comportar como exigia a sociedade vigente. Além do mais, ela trabalhara fora de casa (ao contrário de Alice), não dependia financeiramente do marido, acontecimento que marcava a sua trajetória de mulher à frente de seu tempo (visão permeada por aqueles que não seguem os acontecimentos da modernidade), deixando se valer da efemeridade vivenciada:

Sei que é tolice minha. Aretusa, mulher de meu irmão, sempre me censura por ser tão acomodada, tão tímida, parece até que tenho medo de sair de casa, por isso visito tão pouco minha família. Mas Aretusa é uma mulher emancipada; trabalha fora e não precisa do consentimento de meu irmão para nada; talvez Renato nem reclame, porque a maior parte do tempo é ela quem sustenta a casa. Ele apenas abaixa a cabeça quando a mulher o critica em público. - Você tem de ir mesmo? - perguntou meu marido quando expliquei que Aretusa telefonara, pedindo que eu passasse o fim-de-semana em casa de meu pai. Meu marido não gosta de Aretusa; acha que

mulher não deve viajar sem o marido; fiquei aborrecida por ter de pedir (LUTF, 1991, p. 3).

Ademais, no trecho acima percebemos a maneira assujeitada de Alice se portar, a qual transfere para o leitor uma imagem de mulher submissa e sem autonomia perante a sua própria vida, se permitindo ser conduzida pela vontade do outro (nesse caso representado pelo marido), fato que nos leva a confrontar as características subjetivas entre Alice e Aretusa.

### **2.2.2. Aretusa: “... aquela menina tão livre”**

Ao observarmos a expressão “tão livre”, enxergamos o tom de acentuada desaprovação com que Aretusa é tratada pelo olhar opressor e “tradicional” do Professor, cuja influência na família acaba por transferir este sentimento para os que o cercam. Este fato, porém, não foi suficiente para interferir na relação entre a “moça livre” e seus filhos, que se torna amiga íntima de Alice e, anos depois, insere-se no círculo familiar, casando-se com o filho do Professor, Renato, a quem continua a dispensar o mesmo tratamento dado pelo pai, enquanto o jovem ainda vivia em casa. Ou seja, Renato continuou a ser hostilizado, humilhado, com pouco ou nenhum direito à fala, à própria opinião e à expressão de seus sentimentos e emoções.

No início deste estudo, abordamos de modo sucinto a importância do afeto no ambiente familiar, considerando-o fundamental para tornar os indivíduos cada vez mais lúcidos e psicologicamente centrados ao longo da própria história. Em sentido contrário, a falta de estabilidade e de referências identitárias para aquele que vive em meio a constantes e inexplicadas modificações radicais e instantâneas, vivendo ‘de passagem’ o ligamento e desligamento de laços afetivos que refletem profundamente na relação subjetiva entre o eu e o outro (casas, cidades, parentes, amigos que chegam e partem bruscamente), coloca o sujeito solto num ambiente fugidio, volátil, do qual muito pouco se sabe, mas onde é chamado a viver, acrescentando os fatos que esta forma de existir oferecem num rol de experiências individuais e coletivas fragmentado e elusivo:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 2017, p. 15)

A partir desta assertiva, detemo-nos principalmente no que diz respeito às “ameaças”, as quais se referem às estruturas sólidas, ou seja, ao preconceito, aos formatos preestabelecidos pela sociedade, pelo machismo, pelos rótulos impostos pelo meio social no qual estamos inseridos, os formatos de relacionamentos antes duradouros, planejamentos longínquos de uma vida inteira, entre outras situações, que, se observarmos hoje, já não são permitidas, pois tudo é líquido, sem formas. Somos seres vivos de uma sociedade modernamente líquida, e não se sabe até quando as identidades continuarão com essa visão de liquidez, de construção e desconstrução instantânea, provisória.

Ao utilizarmos este pensamento, partimos para uma breve observância das personagens, com foco específico em Alice (personagem narradora) e Aretuza (cunhada de Alice), as quais seguem um papel social ora distinto, ora aproximado uma da outra, porém todas duas fazem parte dessa unidade “desunidade,” como nos diz Berman (2007). Mantivemos o nosso olhar atento até ao final desta análise para Alice, atentemo-nos para o seu íntimo que será desvelado e em seguida equiparado ao perfil de Aretusa.

Ao nos referirmos a Alice, é preciso saber que ao longo da narrativa, ela usa muito a expressão referenciada pelo termo “espelho,” no qual tenta se enxergar desde a sua juventude, a partir dos reflexos. Alice se vê, porém, algumas (ou maioria das vezes) não enxerga o que gostaria de ver, em determinados momentos até vê, mas não tem coragem de transpor aquela outra Alice multifacetada para fora do espelho, pois está presa aquela “moldura”, termo que pode ser idealizado ou interpretado referente as formas, exigências e convenções sociais padronizadas que aprisionam a verdadeira Alice, que ora se esconde, ora se protege por meio de um reflexo gerador de um *status*, identificando-a como a Alice, mulher “segura e centrada” (que não é), utilizando-se das máscaras, através do discurso que nem sempre foi verbalizado, apenas visualizado e constituído por meio de outras expressões que permitem a leitura de uma imagem permissível a aceitabilidade no ambiente social.

Alice apresenta-se no início do romance como uma mulher pacata, que dedica a vida ao esposo e aos filhos, de modo tão assíduo que a faz tomar suas decisões sempre pensando no coletivo, família: “Sou apenas uma dona-de-casa, vida exclusivamente doméstica, marido e dois filhos que já são quase homens e nunca me deram preocupação” (LUFT, 1991, p.3). Aretuza ria de Alice por ter esse tipo de comportamento acomodado, não a deixando sair da sua zona de conforto, por também não gostar de cuidar da aparência. Alice era vítima das gozações de sua cunhada Aretuza.

Mesmo com muitas aparentes divergências entre o comportamento de uma de outra, há um fato que as torna outrora semelhantes, com uma única diferença: uma se arrisca, se

expõe ao atos libidinosos ainda na juventude, e a outra quando já está casada. Permanecendo em julgo igual, e com outro detalhe que vale ressalva: todos esses fatos que aconteceram permaneceram desnudados por entre os parentes mais próximos que estavam naquele final de semana, os quais não fizeram com que todo aquele acontecimento de desnudamento ficasse em família, conferindo aquele espaço o único sentimento que ainda restara: a “intimidade”, para que ali todos fossem cúmplices uns dos outros.

Ainda sobre a obra, percebemos a “desunidade” a provisoriedade na relação feminina, envolvendo a sexualidade de cada uma daquelas que habitavam aquela casa. De forma ambivalente, as personagens femininas, guardam-se aguerrida e temerosamente, respondendo defensivamente à repressão e à hostilidade do ambiente, que ora serve de escudo, ora de prisão, e, em outros momentos, em sua própria estrutura e utensílios, de caserna, circo e arsenal, construindo-se a partir daí a imagem de campo de batalha, arena ao redor de cujo centro – ocupado anteriormente pelo Professor e agora dividido com Evelyn – todos se reúnem para o enfrentamento inevitável.

Para tal enfrentamento, as personagens utilizam uma peça fundamental neste enredo e bastante citada ao longo do texto: o espelho. Como elemento essencial da narrativa, metaforicamente ‘constroi’ a imagem, que faz parte de um conjunto de paradigmas, formalizados e bem alinhados, afirmando que os sujeitos vivem por meio de facetas múltiplas ou multifacetadas, as quais servem de escudo, instrumento de defesa cujo manejo se constitui como “jogadas” de que o indivíduo pode dispor no jogo da vida. No jogo das palavras, o narrador lança pistas que devem servir ao leitor como elemento de interpretação, não apenas para uma possível revelação do avesso de cada personagem, mas para que possa descer a um patamar ainda mais profundo do exame da psique humana, lançando olhos sobre o avesso de seu avesso. Este pretende ser um desenvolvimento futuro da investigação.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda sobre modernidade, é possível afirmar que os indivíduos que fazem parte dessas estruturas, antes sólidas, hoje oscilam por meio de conceitos preestabelecidos das formas antes utilizadas pelas estruturas tradicionais que regiam o poder e interferiam no comportamento, tornando-se compulsoriamente opressoras e desiguais ao tratar das relações familiares e sociais. De modo que as duas sempre estiveram intrinsecamente ligadas umas as outras.

CHALITA (2001) afirma que é na família que o indivíduo recebe os primeiros desafios que os faz crescer, adicionando a essas experiências contrastes de afeto e responsabilidade que irá proporcionar a aquele “ser” valores ‘éticos e morais’, os quais servirão como base indispensável para a vida em sociedade daquele indivíduo.

Deste modo, o afeto familiar pode refletir na vida de um indivíduo, da mesma maneira que a falta deste. Como acontece na obra de Lya Luft (1991), em que as personagens femininas sofrem com a falta deste sentimento, o afeto, por serem criados na ausência de uma figura maternal e viverem apenas na presença de um pai opressor e nada afetuoso; com a colaboração de Berta, empregada a quem foi confiada a “missão” de acompanhar aqueles jovens, porém, por não ter um *status quo*, um *ethos* convincente de “mãe” não conseguiu levar a essa família aquilo que ela mais sentia falta, que era de uma presença feminina, maternal, doce e afetuosa como se convencionou socialmente enquanto imagem de mãe/mulher.

Ativemo-nos neste artigo ao exame das personagens Alice e Aretusa, dois aparentes opostos; daí o fato de se atraírem, pela via da identificação, embora se neguem a aceitar o fato. Por meio de acusações desnudadoras, desvelam um *ethos* que se esconde por trás da delicadeza de uma e do arrojo da outra, sinalizando para além do desejo de manter uma imagem pública aceitável, respeitável, limpa e consensual: descobrem-se buscando avidamente a mesma coisa, e, por vezes, usando quase os mesmos recursos: uma consciência de si cuja verdade fosse para elas confiável, e não o resultado uma criação artificial, de uma maquiagem que compõe a figura exterior que não resiste à luz da visão interior.

No entanto, este movimento de desnudamento, desconstrução e desconstrução de identidade na arena que enquadra as personagens analisadas, velada pela reunião de família, faz com que os demais se deixem levar, envolvendo-se no mesmo desconforto íntimo. Há naquele ambiente, também da parte deles, uma intensa vontade de autoconhecimento, para

além da imagem distorcida que cada um reflete e reafirma pela via do *ethos* demonstrado nos pensamentos, nos atos e no discurso.

Observou-se, ainda, na relação familiar, a desconstrução da visão estereotipada da felicidade da vivência da família, plasmada na imagem da família unida, sem atritos, na qual todos devem se relacionar da melhor maneira possível, com mansidão e equidade. Não apenas em razão do horror do passado e do presente da família original, a do Professor, tal imagem se desvanece em meio à atual liquidez dos limites em que os relacionamentos se processam na sociedade atual; os filhos do Professor já constituíram as suas próprias famílias e seu relacionamento com o pai e com tudo o que representa o passado familiar é, no mínimo, penoso, sem falar que a distância e o caráter temporário dos contatos – para Alice, pelo menos, forçados, como é o caso da própria reunião e do reencontro com o pai – operam uma cisão dos vínculos que se pretendem indestrutíveis.

Ainda falando em Alice, tal liquidez, resulta da convivência traumática com a ausência da mãe e com a presença do pai nos anos da infância e da adolescência: sentir-se desimportante, impotente, indefesa, inapta para decidir e presa de circunstâncias inescapáveis ainda constitui no presente um conjunto de traços que delineiam a face oculta de sua personalidade que não gostaria de revelar. Tal circunstância a faz, durante o fim de semana, sentir como se a *sua* casa, o *seu* marido e os *seus* filhos (cujos rostos e nomes chegou a esquecer em certos momentos), se diluíssem em sua lembrança, como um mundo distante e à parte de sua própria realidade, um mundo que poderia continuar sem ela ou no qual talvez nunca tivesse vivido realmente.

A esfera frágil nas relações humanas na família do Professor e nas famílias formadas por seus filhos reflete-se nas observações de Zygmunt Bauman (2011) sobre identidade, no que se refere à “descartabilidade das relações sociais e dos estilos de vida que são vendidos e consumidos vorazmente”, ao sabor das necessidades sempre prementes que os indivíduos manifestam, em situações variadas, de burlar a solidão e vencer a sensação do próprio desvalor em relação aos outros.

Dentro daquilo que fomos capazes de captar, na obra analisada, no que concerne à carência afetiva, à solidão e à insegurança, compreendemos que são fatores presentes na raiz e no resultado da desconstrução identitária, da liquidez desintegradora que se instaurou na sociedade e sob cuja injunção somos condicionados a viver atualmente. Cabe a cada um ceder ao jogo ou mudar as regras, buscando-se e encontrando-se na própria verdade.

#### 4 ABSTRACT

### IDENTITY CRISIS IN *REUNIÃO DE FAMÍLIA*, BY LYA LUFT: TRAUMATIC NUDITY OF TWO FEMALE CHARACTERS

#### ABSTRACT

The present work intends to examine the identity crisis experienced by the female characters Alice and Aretuza from Lia Luft's novel *Reunião de Família* (1991). Both are unveiled, as the narrative develops, in their most hidden behavioral nuances, until then preserved by the use of social masks which "help" them to cope with the obstacles offered by the *status quo* they apparently fit in. The notion of *ethos*, through Maingueneau's perspective (2006; 2008), stands out as a relevant point of interpretive reference for this reading, since it defines the contours of a pseudo-individuality forged from a pretentious harmony between behavior and discourse which the characters uselessly effort to keep one in front of the other. The analysis inserts in the domain of the contemporary studies in Brazilian literature, having as a theoretical-methodological basis the claimings defended by Berman (2007), Hall (2004), Bauman (2011) e Schollhammer (2009) referring to the individual's relationship whit him/herself, as well as with family and society.

**Keywords:** Identity crisis. Ethos. Narrative.

## 5 REFERÊNCIAS

AUCHILIN, Antoine. Ethos et expérience du discours: quelques remarques. In: M. Wauthion; SIMON (éds.). *Politesse et idéologie. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelle*. Louvain: Peeters, 2001, pp. 77-95.

BAUMAN, Zygmunt. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. 8 ed., São Paulo: Editora Gente, 2001.

DALLARI, Dalmo de Abreu & KORCZAK, Janust. *O direito da criança ao respeito*. 2 ed. São Paulo: Summus, 1986.

HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?” In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004.

LUFT, Lya. *Reunião de Família*. São Paulo. Siciliano. 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. *A propósito do ethos*. São Paulo. Contexto. 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. São Paulo. Contexto. 2006.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.